

Dois tempos de um percurso de experiências historiográficas: 1958-59 e 1970. As cartas que Cecília Westphalen trocou com Altiva Pilatti Balhana e Fernand Braudel**Daiane Vaiz MACHADO***

Resumo: O percurso intelectual de Cecília Westphalen foi marcado por experiências acadêmicas nacionais e estrangeiras que lhe permitiram criar uma extensa rede de sociabilidade. Este estudo visa focalizar dois momentos de seus deslocamentos, quando entre 1958 e 1959 esteve em Colônia, Alemanha Ocidental, e Paris em busca de especialização e de acervos para ampliar sua tese sobre Carlos V; e em 1970, quando retornou a estes lugares à procura de orientação metodológica para seu projeto sobre as relações comerciais no Porto de Paranaguá, no Paraná, alicerçada na história econômica e quantitativa. Neste breve traçado, observam-se indícios de mudanças na sua postura historiográfica: O que as teriam motivado? Por meio das cartas trocadas com Altiva Pilatti Balhana e Fernand Braudel, é realizada a interpretação deste *tournant historiographique*, bem como a análise das estratégias utilizadas para construção de sua rede de sociabilidade, a fim de compreender sua avaliação do campo francês entre fins da década de 1950 e 1970.

Palavras-chave: Percurso intelectual. Correspondências. historiografia francesa. Cecília Westphalen. Altiva Pilatti Balhana. Fernand Braudel.

Two times from a course of historiographical experiences: 1958-59 and 1970. The letters exchanged between Cecília Westphalen Altiva Pilatti Balhana and Fernand Braudel

Abstract: The Cecília Westphalen's intellectual journey was marked with domestic and foreign academic experiences that allowed her to create an extensive network of sociability. We will focus in two moments of her shifts, when between 1958 and 1959 she was in Cologne, West Germany, and Paris looking for expertise and collections to enlarge her thesis about Charles V; and in 1970 when she returned to these places looking for methodological guidance for her project on trade relations in Paranaguá's Port, Paraná, rooted in economic and quantitative history. In this short trace, we noticed evidences of changes in her historiographical position, what would have motivated them? Through the letters exchanged

* Mestre em História - Doutoranda - Programa de Pós-graduação em História - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis - Av. Dom Antonio, 2.100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. A pesquisa que resultou neste artigo contou com financiamento da FAPESP. E-mail: daiane_vm@yahoo.com.br

with Altiva Pilatti Balhana and Fernand Braudel, we will interpret this *tournant historiographique* and we will also analyze the strategies used to build her sociability network in order to understand her assessment of the French field between the end of the decade of 1950 and 1970.

Keywords: Intellectual journey. Correspondences. French historiography. Cecília Westphalen. Altiva Pilatti Balhana. Fernand Braudel.

Introdução

Neste estudo, são analisados dois conjuntos de cartas, entendidos aqui como dois tempos de um percurso de experiências historiográficas. O primeiro, entre 1958-59, refere-se à partida para divulgação da tese *Carlos-Quinto, 1500/1558: seu Império universal*, e o estudo em centros de pesquisa histórica, na Universidade de Colônia, Alemanha Ocidental, e na VI^a. Seção da École Pratique des Hautes Études (EPHE), em Paris. O segundo tempo, 1970, é caracterizado pelo retorno a este lugar de produção historiográfica, distinguido pelas suas práticas de pesquisa específica.

Essa correspondência compõe o *corpus* de dois acervos pessoais. As cartas que Cecília Westphalen (1927-2004)¹ enviou a Altiva Pilatti Balhana (1928-2009) – amiga e também historiadora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) –, podem ser encontradas na Coleção “Cecília Westphalen” doada ao Arquivo Público do Paraná em 2005, um ano após o seu falecimento por embolia pulmonar.² Já as cartas que Westphalen enviou a Fernand Braudel (1902-1985) estão alojadas no Institut de France, em Paris.³

O primeiro acervo, considerando os descartes deliberados, os extravios, as perdas do processo de triagem da doação, é resultado de tudo o que Westphalen optou por guardar no transcurso de sua vida (ARTIÈRES, 1998, p. 9-34). Vasto, o acervo contém sua produção intelectual, biblioteca, correspondência, material fotográfico, sonoro e audiovisual. Desta produção, para o presente estudo, foram colhidas extensas 70 cartas dirigidas à Balhana.

Existe um grandioso número de missivas escritas ou destinadas a Fernand Braudel no Institut de France. Há nesse espaço uma caixa com o nome de Cecília Westphalen, na qual se encontram 36 cartas trocadas entre 1955 e 1975. Neste conjunto estão armazenadas cópias das cartas que Braudel enviou a Westphalen e as que dela recebeu, cartas que escreveu a outros a respeito de Westphalen e que outros escreveram a respeito dela – como sua escrita era uma escrita de autoridade, visualizam-se poucos pedidos não atendidos.

As cartas que Westphalen e Braudel escreveram possuem substâncias distintas. Braudel escreveu a maioria de suas cartas a partir de instituições (EPHE, Fondation de la

Maison des Sciences de l'Homme). Redigidas ora por ele ora por seus secretários (é comum encontrar cartas nas quais eles registravam sua assinatura e, então, logo se desculpavam e ensaiavam uma justificativa para a falta de Braudel), as cartas são pedidos, esclarecimentos, convocações e deliberações de projetos, explicações ou respostas precisamente rápidas, há poucos momentos em que a narrativa se alonga. Vemos um homem atarefado, com muitos compromissos e uma rede extensa de correspondentes para atender, como denuncia o inventário de sua correspondência.

Pelo controle de si, em sua escrita, é possível observar na correspondência de Braudel certa vocação à exposição pública; as cartas escritas por Westphalen e destinadas a Balhana conservam maior tensão entre público e privado. As cartas trocadas com Braudel exibem uma relação de respeito intelectual e cordialidade, as cartas enviadas a Balhana possuem intensa amabilidade, o que supõe uma relação de cumplicidade que permite confiar escolhas, expectativas e frustrações.

Cabe ressaltar que esta breve caracterização não tem a intenção de sugerir que um conjunto de cartas possa ser mais “verdadeiro” que o outro, o que certamente consistiria em uma falácia, seria acrescentar mais lenha à fogueira da desconfiança incrustada na palavra “pessoal”. Segundo Artières e Laé, ao lado dessa terrível palavra, que indica a classificação arquivística do documento, se ergue “immédiatement le villain petit secret, autant dire une ligne jaune infranchissable” (ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 7).¹ Esta linha fronteira estabelece a correlação entre público e objetivo *versus* privado e subjetivo, vacilante, impreciso, incontrolável. Aludiria, assim, que a confiabilidade do discurso poderia ser medida pelos lugares de onde ele foi escrito e onde, como vestígio histórico, é depositado, “la fabrique des lieux pétrirait des écritures” (ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 5).²

A missiva como registro de um instante de memória precisa passar pelo crivo da crítica documental como qualquer outro material de trabalho (GOMES, 1998, p. 125) – não convém desqualificá-la pelo teor dito subjetivo de seu conteúdo e qualificá-la apenas pelo seu lugar de enunciação, seja a intimidade de um quarto de hotel seja o caráter oficial de um gabinete ministerial. Este objeto historicamente construído é partícipe da cultura de uma época, sua significação está ligada a sua condição de produção, de recepção, suas formas materiais e retóricas (DAUPHIN, 1995, p. 92). Nesse sentido, de um lado, não parece heurístico e nem possível estabelecer uma fronteira estanque e localizável entre o individual e o social; e, de outro, as cartas (e demais escritas de si) expressam seu valor justamente na consideração da dimensão da singularidade e da subjetividade na leitura de experiências em sociedade. Como indicam ainda Artières e Laé, as narrativas de si são construídas na

¹ Imediatamente o pequeno segredo sujo, em outras palavras uma linha amarela intransponível. (tradução nossa).

² A fábrica dos lugares moldaria as escritas. (tradução nossa).

tensão entre a introspecção e as inspeções sociais, seus escritores formulam espaços de significação para suas escolhas, de formulação da crítica, explicitam como empregam o tempo, denunciam os afetos e suas preferências.

A reflexibilidade, que consiste em elaborar um espaço vazio entre seu próprio caminho e os ruídos da sociedade, é intrínseca às escritas de si (ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 6). O presente texto ater-se-á ao olhar reflexivo de Cecília Westphalen sobre suas experiências em campos historiográficos estrangeiros – com especial atenção para a avaliação que fez do campo francês entre fins da década de 1950 e 1970 – e a narrativa que dá indícios da composição de sua identidade como historiadora afiliada às práticas *analíticas* da história econômica e quantitativa. Considerando que houve um *tournant historiographique* em seu percurso intelectual, pretende-se analisá-lo observando as estratégias utilizadas para construção de sua rede de sociabilidade (SIRINELLI, 2003), fundamental para dar suporte às suas escolhas.

Primeiro tempo: 1958-59

Je suis très touché par votre demande d'entrer dans les cadres de la Société Marc Bloch. Nous sommes très heureux de vous y accueillir et ce que vous nous dire de Marc Bloch lui-même et des *Annales* nous a profondément émus (BRAUDEL, Paris, 28 mar. 1955).³

Este excerto é o primeiro vestígio de uma aproximação historiográfica. Fernand Braudel recebe Cecília Westphalen como integrante da Sociedade Marc Bloch e agradece a gentileza das palavras dirigidas a Marc Bloch e ao seu grande empreendimento, a revista *Annales*.

A remetente, Cecília Westphalen, construiu sua carreira profissional na UFPR. Em 1950, tornou-se bacharel e licenciada em Geografia e História e, no ano seguinte, já integrava o corpo docente, como assistente de ensino. Foram anos de ritmo intenso, posto que, concomitantemente, cursava Direito na instituição e lecionava no ensino secundário.

Direcionando-se progressivamente à História, ela buscou conhecer sociedades de historiadores com caráter universitário, o que não existia no meio brasileiro. Foi assim que se associou à American Historical Association (1954), à The Historical Association (1955), à Société Marc Bloch (1955) e à Société d'Histoire Moderne (1958), numa atitude que denota sua vontade de explorar outras possibilidades historiográficas. Esse desejo se concretizaria

³ Estou muito comovido com seu pedido de ingresso no quadro da Sociedade Marc Bloch. Nós estamos felizes em acolhê-la e o que você nos diz de Marc Bloch e dos *Annales* nos sensibilizou profundamente. (tradução nossa).

após a sua aprovação no concurso de cátedra para História Moderna e Contemporânea, quando defendeu a tese *Carlos-Vinto, 1500/1558: seu Império universal* (1957).

Em 1958, a tese é impressa em forma de livro e Westphalen imediatamente providencia a sua circulação, criando um nicho de leitores ideais. A obra é enviada às associações citadas e a instituições estrangeiras de ensino e pesquisa. Em resposta ao presente oferecido, ela recebia promessas de resenhas ou notas bibliográficas (VENÂNCIO, 2001, p. 23-47). Esta contextura explica as cartas trocadas com Braudel, em 1958. Como especialista do século XVI europeu, Braudel agradeceu a obra recebida prometendo providenciar uma resenha na revista *Annales* e dizendo que faria uma leitura atenta do texto, pois Carlos V seria objeto de estudo de seu seminário no Collège de France (BRAUDEL, Paris, 13 mar. 1958). Carlos V ocuparia tal espaço no seminário não só por ter sido, na avaliação de Braudel, um elemento relevante para explicar a estruturação territorial moderna do mundo europeu, mas também por ocasião das comemorações do IV centenário de morte do imperador.

Para Westphalen, Carlos V foi o objeto certo no momento certo. Tornando-se a única brasileira especialista no monarca espanhol, nesse período de comemorações, ela participou dos congressos sobre Carlos V realizados em Madri e em Colônia. Esses eventos foram oportunidades essenciais de fala, de se fazer conhecer pelo trabalho intelectual e, assim, construir redes de contato (OFFENSTADT, 2010, v.1, p. 86-91). Essa engenharia das relações sociais lhe assegurou bolsa de estudo para as especializações na Universidade de Colônia e a realização de um estágio na VIª. Seção da EPHE.

Braudel está presente em seu estudo sobre Carlos V, mas é possível que a tradução mexicana de *O Mediterrâneo* (1953) tenha sido lida mais como uma referência contextual do que como uma obra que forneceria um modelo interpretativo para a história, neste caso compreender ações do governo de Carlos V dentro de um movimento estrutural de longa duração. A obra de Westphalen foi construída com o que pôde selecionar em um tempo de pouco acesso à literatura estrangeira e que, em virtude do início de carreira, não tinha uma rede de correspondentes que pudessem suprir esta falta. A literatura estrangeira mais recente foi enviada por Balhana, pois, no momento em que Westphalen finalizava sua narrativa, a amiga circulava entre Itália e França.⁴

Com um extenso material bibliográfico Westphalen conseguiu construir um quadro da vida de Carlos V, seu recorte é precisamente o tempo biológico de seu personagem. Para situá-lo em uma nomenclatura (o que não significa em uma clausura) historiográfica, diríamos que se trata de uma biografia linear em que as ações políticas são chaves de compreensão do processo histórico (WESTPHALEN, 1955). A problemática central da tese despertou interesse: a pretensão de instituir um império universal cristão de inspiração medieval num contexto de florescimento dos estados nacionais. Foi resenhado como um

livro bem escrito, com extenso e atualizado levantamento bibliográfico, mas sem grandes descobertas (ROBERT, 1958, p. 564).

A resenha, escrita por Ricard Robert professor da Universidade de Sorbonne, foi publicada nas “Notes Brèves” do *Bulletin Hispanique* em 1958, ano que se conheceram. Em carta escrita de Madri, nos dias de realização do III Congresso de Cooperação Intelectual, Westphalen relata para Balhana que o “Prof. Ricard, catedrático da Sorbonne, andava com o Carlos V, de baixo para cima, lendo. Trouxe 14 exemplares e não tenho mais” (WESTPHALEN, Madri, 15 out. 1958). O reencontro aconteceu em Colônia durante o Colloquium sobre Carlos V, quando o próprio Robert lhe disse “[...] que leu o livro de cabo a rabo e o achou muito bom, havendo feito resenha bibliográfica para a Revista Hispânica” (WESTPHALEN, Colônia, 29 nov. 1958, grifo da autora). A *note brève*, escrita por um catedrático de uma notável instituição francesa em uma das principais revistas de estudos hispânicos, surgiu graças à visibilidade que os encontros proporcionaram ao seu trabalho.

Apesar do lucro simbólico colhido com a distribuição de seus exemplares, Westphalen considerou que o evento realizado em Madri foi insuficiente na apresentação de novidades historiográficas:

Eu já te havia dito, até aqui eu tenho estado de cátedra, ninguém me diz nada que eu já não saiba e complete sôbre o Carlos V. Porém estou curiosa justamente por novidades. Não achei grande cousa o resumo das Teses de História apresentadas na Univ. de Madrid, como você poderá ver, mando também (WESTPHALEN, Madri, 3 out. 1958).

No evento, Cecília Westphalen “estava de cátedra”, ou seja, estava revestida de caracteres que legitimavam uma posição de superioridade, de distinção acadêmica e social (BOURDIEU, 1983). Nesse tom, ela coloriu seu autorretrato: professora catedrática e *expert* sobre a figura de Carlos V.⁵

A construção dessa imagem está inscrita na forma como avaliava os seminários que frequentou na Universidade de Colônia e o tratamento distinto que recebia dos professores, secretários e alunos. Assim, do alto de sua cátedra, nada verdadeiramente a contentava em seu cotidiano acadêmico e suas cartas eram impressas de um progressivo descontentamento com a paisagem historiográfica alemã.

O Seminário de História Econômica, intitulado “Fontes, Métodos e Ferramentas da História Econômica”, foi um dos seminários que cursou. A escolha foi balizada por um interesse futuro, que naquele momento foi manifesto com certo desdém, “[...] você sabe que eu tenho planos sôbre este assunto, se outros mais altos falharem (WESTPHALEN, Colônia, 3 nov. 1958).

Westphalen estudava em um dos mais antigos redutos da temática econômica, porém com contorno analítico da história tradicional.⁶ As aulas foram classificadas como monótonas e cansativas, chegou a confessar à Balhana ter “[...] preguiça de ir porque não é bom” (WESTPHALEN, Colônia, 28 jan. 1959). O desinteresse foi tanto que o professor nem sequer foi nominado, era “apenas um Assistente” (WESTPHALEN, Colônia, 13 nov. 1958).

Outras duas experiências marcam sua insatisfação como aluna, os Seminários: “Alexander von Humboldt e a América” e “História Geral da Época dos Estados Nacionais e do Imperialismo (1870-1914)”.

Este último foi ministrado por Theodor Schieder, apresentado à Westphalen como “[...] o maior Professor de História no momento na Alemanha” (WESTPHALEN, Colônia, 6 nov. 1958). No campo historiográfico seu nome está ligado à “história estrutural” (*Strukturgeschichte*), “[...] uma modalidade propriamente alemã, após 1945, de investir nos objetos ‘sociais’ como a economia, o trabalho, a agricultura, a demografia, rejeitando o marxismo e integrando uma parte da herança do historicismo” (DELACROIX, 2010, p. 426). Essa abordagem logo progrediu para a “[...] marca registrada da inovação historiográfica alemã do século 20: a história social” (MARTINS, 2007, p. 53).

Westphalen, sem ainda saber, estava vivenciando um período de renovação nos estudos históricos da Alemanha Ocidental, que se fariam mais visíveis a partir de 1960. Mas naquele momento, a lembrança que registrou de Schieder foi a de um professor didaticamente pouco compreensivo, que lia “durante a hora inteira um maço de papéis” e nunca olhava para os alunos (WESTPHALEN, Colônia, 6 de nov. 1958).

Com Richard Konetzke, responsável pelo Seminário sobre Humboldt e a América, Westphalen teve relações mais cordiais. Segundo nos conta, ele parecia muito honrado com a sua presença “[...] pensando que sei muito de História do Brasil e possa ser lhe útil” (WESTPHALEN, Colônia, 3 nov. 1958). Konetzke, estudioso da história social da América colonial espanhola e interessado na América Latina, viu na estadia de uma brasileira a oportunidade de conhecer mais sobre os estudos historiográficos realizados no país.

Apesar de suas aulas terem sido marcadas por equívocos históricos e geográficos (WESTPHALEN, Colônia, 10 nov. 1958), Westphalen parece ter se ambientado muito bem no Instituto de História Ibérica e Latino-americana dirigido por ele. Deste modo, e com a ajuda de Balhana, Westphalen mediou contatos com historiadores brasileiros (Eulália Lobo e IHGB), solicitou remessa de livros e elaborou uma lista com “67 obras fundamentais de História do Brasil” (WESTPHALEN, Colônia, 18 jan. 1959). Graças a investimentos desta monta, a biblioteca do Instituto de Konetzke foi considerada uma das mais importantes da Europa (RODRIGUES, 1976, p. 206)⁷ e um de seus principais legados (KAHLE, 1981). Entre os dois historiadores, laços acadêmicos começaram a se delinear e uma brecha foi aberta para que os favores fossem academicamente retribuídos.

Durante sua estadia, Westphalen ficou particularmente atenta à observação da estrutura universitária, principalmente o modelo de Seminários em substituição às aulas tradicionais, uma forma de tentar dinamizar e aliar o ensino à pesquisa (invenção referencialmente alemã). Visitou institutos, bibliotecas, analisou a organização curricular e de lá forjou alguns planos:

Vou fazer como aqui, acabar com aquelas aulinhas. Vou fazer aulas duplas de 2 horas uma vez por semana para cada turma a fim de poder desenvolver mais ou menos completo um tema. Penso assim – uma aula dupla para cada série por semana, com um tema diferente e dois seminários de 2 horas cada um por semana para cada série. Vai aumentar o tempo da macacada e vai dar um duro para arrumar isto no horário, mas é preciso acabar com os tabus que certas cadeiras são as donas do horário e que os outros tem que se acomodar (WESTPHALEN, Colônia, 18 jan. 1959).

Ou seja, de um ponto de vista mais flexível, Westphalen plantou importantes apoios para sua rede de diálogos historiográficos e colheu estratégias que levaria ao Brasil pretendendo melhorar o ensino de História.

Todavia, o momento de maior excitação encontrado nas cartas que narraram o cotidiano na Universidade de Colônia foi o *tête-à-tête* com Braudel durante o evento sobre Carlos V.

Na ocasião, Westphalen contou que,

Ele deu uma chacoalhada em todo mundo, inclusive em mim, dizendo que a História dos evènements da época de Carlos V estava feita com Brandi, que ninguém o ultrapassará tão cedo e facilmente; que é preciso deixarmos este resumo da história dos acontecimentos para entrarmos na história social, na história de todo dia, história da realidade tal como é, não como parece ser, e por aí a fora (WESTPHALEN, Colônia, 29 nov. 1958).

A intervenção de Braudel foi o equivalente a uma orientação de pesquisa, “[...] entremos na história social, inovemos!”. A inovação, que Braudel ali personificava, estava sendo ditada pelos *Annales* desde 1929 (DELACROIX, 2010, p. 423). Embora no plano epistemológico tenha pouco se distinguido dos ditos “historiadores historicizantes” (NOIRIEL, 1990, p. 77; CLARK, 2011, p. 183), a história se renovava, diriam os fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre, em relação a um tipo de compreensão histórica em que os atores individuais e as ações políticas numa dimensão “acontecimental” eram chaves interpretativas da explicação social. A problemática da história torna-se, então, a vida, não havendo um único fator dominante para explicá-la, diria Fernand Braudel, ainda em 1950 (BRAUDEL, 2009, p. 23). Motivo pelo qual a história abria-se para o diálogo com outras áreas do conhecimento e reivindicava o estatuto científico de ciência social (DELACROIX,

2010, p. 423). Na direção da revista desde 1956, coube a Braudel persistir na potencialidade do trabalho em conjunto das ciências sociais, mais precisamente numa metodologia partilhada. Meses antes da experiência francesa de Westphalen, Braudel reafirmaria esse princípio no artigo *História e ciências sociais: a longa duração* (1958). A novidade deste texto está no papel aglutinador da História a partir da noção de longa duração, linha capaz de integrar as ciências sociais, cujo objeto comum é o estudo do homem em sociedade (BRAUDEL, 1965, p. 261-294).

Imperativas, aquelas palavras de Braudel entusiasmaram a jovem pesquisadora, “[...] creio que se for a Paris e puder conversar bem com êle, eu resolverei êste problema que me angustia e também ao Brasil [Pinheiro Machado], da conceituação da História” (WESTPHALEN, Colônia, 29 nov. 1958).

A expectativa em torno do encontro e do aprendizado com o historiador no *Centre de Recherche Historique* (CRH) tornou-se uma constante em suas cartas: “Recebi resposta do Braudel dizendo que tudo estará em ordem na Cité e que logo receberei uma confirmação mais precisa. Ele não me trata mais como *chère collègue*, mas como *chère amie*, é confiado que só vendo” (WESTPHALEN, Colônia, 28 jan. 1959).

Nesses seus comentários divertidos sobre Braudel, repercute a ideia da proximidade que vinham criando, ou que ela achava que estava se estabelecendo e com alegria contava à Balhana.

O objetivo primeiro do encontro com Braudel era coletar material, visitar acervos e pedir conselhos para prosseguir com sua pesquisa sobre Carlos V (WESTPHALEN, Colônia, 11 nov. 1958). Em carta, Braudel assegurava que ela encontraria material suficiente para continuar seus trabalhos de história moderna no Brasil (BRAUDEL, Paris, 26 jan. 1959). Para tanto, indiciou Jean Glenisson como uma espécie de tutor de sua estadia, legar pesquisadores aos cuidados de seus discípulos mais próximos era uma prática do atarefado professor.

O curto período francês parece ter atendido as expectativas da historiadora. Em carta de despedida (que parece sorrir ao leitor), Westphalen agradece os cuidados dirigidos a ela e sua pesquisa e reconhece a importância dos contatos estabelecidos.

Na bagagem de retorno livros e uma série de cartas de Ludovico Canossa, bispo de Bayeux, que Braudel lhe ofereceu. Segundo ela, apesar das limitações do meio (o que indica o alerta de Braudel para o prosseguimento), continuaria o trabalho e tão logo conseguisse “algo de proveitoso” enviaria para sua apreciação (WESTPHALEN, Paris, 8 abr. 1959). No entanto, na troca de missivas ocorrida após o retorno não encontramos notícias e nem indícios da exploração daquela série de cartas. Mas nos deparamos com a narrativa de um *tournant* em seu modo de fazer historiográfico.

A carta redigida a Braudel, em 1962, poderia ser aproximada a um relatório de orientação, nela Westphalen inter-relaciona seus passos brasileiros com a experiência que teve na EPHE. Assim, conta que estreitou os laços com alguns professores da USP (Eurípedes Simões de Paula, Eduardo D'Oliveira França e Alice Piffer Canabrava), como ele havia indicado, e os contatos resultaram na fundação da Associação de Professores Universitários de História (APUH), a atual Associação Nacional de História (ANPUH). Evento que foi rememorado em muitas narrativas (como as de Westphalen, Francisco Iglésias, Carlos Guilherme Mota, Alice Piffer Canabrava e outros desta contemporaneidade) como marco da entrada da pesquisa histórica em sua era científica.

Outro fato narrado a Braudel, e com orgulho, foi a realização, em Curitiba, do “II Simpósio” da APUH, na verdade, o primeiro com a organização de sessões de estudos e exposição oral dos trabalhos. O objeto de estudo do Simpósio foi “A propriedade e o uso da terra”, com direcionamento para as modalidades de posse; formas de exploração – indústria extrativa, lavoura, pecuária; técnicas de utilização; estruturas agrárias. Na carta, Westphalen justificou a escolha do tema: “A nossa preocupação, ao apontar êsse tema ao Simpósio, foi a de maior entrosamento entre os cientistas sociais para o futuro desenvolvimento conjunto de projetos de pesquisas” (WESTPHALEN, Curitiba, 1 out. 1962).

Essa explicação “ao professor” indica o esforço que a “aluna” passou a empreender na divulgação do que com ele aprendeu, que a História era uma ciência social e assim cabia-lhe, ao integrar-se às ciências sociais vizinhas, dialogar com elas, usufruir de suas técnicas e planejar projetos coletivos. Foi nesse caminho que Westphalen apresentou os projetos arquitetados pelo Departamento de História da UFPR, entre eles: Levantamento de fontes para a história demográfica do Paraná; O comportamento político dos colonos de Santa Felicidade; História agrária do Paraná: formação da estrutura agrária tradicional e mudanças na estrutura agrária; e, Paranaguá e o Atlântico. Este último era o novo empreendimento de trabalho de Westphalen, com o qual pretendia inserir-se na “[...] corrente universal de pensamento e estudos históricos que trata dos navios, dos tráficos, das mercadorias, das trocas, dos preços” (WESTPHALEN, Curitiba, 1 out. 1962).

Relatar seus “bons passos” era uma forma de registrar sua gratidão, pois, segundo Westphalen (Curitiba, 1 out. 1962): “[...] o contacto que mantive com o Senhor, parece-me básico para minha formação e aos trabalhos que, justamente com os colegas de Curitiba, agora desenvolvo e logo produzirão seus frutos”. Colocando Carlos V no limbo historiográfico, esta confissão e afiliação a Braudel passou a demarcar a sua genealogia como historiadora.

A pesquisa sobre Carlos V cedeu lugar ao estudo das relações comerciais do Porto de Paranaguá, com base nas práticas *analíticas* da história econômica e quantitativa. Pelo estudo do porto, Westphalen pretendia fazer submergir a estrutura do comércio paranaense

do século XIX e analisar a medida de sua integração com a economia atlântica. A historiadora almejava “[...] realizar uma história dinâmica, concreta, estatística, explicativa” (WESTPHALEN, 1968, p. 4) e, em busca de orientação metodológica para atingir esse ideal, voltou à Paris, em 1970 (WESTPHALEN, Curitiba, 11 dez. 1969).

Segundo tempo: 1970

Em abril de 1970, Cecília Westphalen retornou à Paris, ela portava duas malas, uma destinada aos seus pertences pessoais e a outra, pesada e de difícil locomoção, trazia as listas, tabelas, levantamentos, relatórios diversos sobre o Porto de Paranaguá. Nesta mala, cálculos por terminar e rever, quadros para completar e organizar, séries e gráficos para construir, um árduo trabalho a empreender na EPHE. Para prosseguir com suas análises, contava com o direcionamento de Braudel, pois, como lhe relatou Ruggiero Romano, era ele quem poderia ou não colocar os serviços à sua disposição (WESTPHALEN, Paris, 11 abr. 1970).

Há certo consenso biográfico em torno do poder institucional de Braudel (DAIX, 1999; LOPES, 2003), “empresário”, “suzerano” “construtor de impérios”, são alguns dos adjetivos direcionados a ele (DELACROIX; DOSSE; GARCIA, 2012). E com tais qualificativos, articulava contatos, delegava funções. Estar sob o seu círculo de influências poderia render proveitos profissionais. O caso desta historiadora brasileira em Paris corrobora essa imagem braudeliana.

Hoje foi o grande dia: Fui a minha entrevista com o Braudel. Me recebeu com dois beijos, um em cada face. Não esqueceu de perguntar pela minha *charmant amie*. Em resumo pedi à *êle*: 1) Refazer meus cálculos à maquina. 2) Estabelecer os quadros definitivos. 3) Fazer os gráficos. 4) Publicar os resultados. Com a sua amabilidade respondeu que tudo será possível. Chamou, na minha frente, o Mauro e me entregou aos cuidados *dêle*. Para a parte estatística, escreveu a um tal de Marcel Couturier, a *Hache de recherche*, para me orientar. Devo esperar que *êsse camarada* marque *rendez-vous* para me entender com *êle* e começar a trabalhar no Centre de Recherches Historiques (WESTPHALEN, Paris, 20 abr. 1970).

O uso do *ordinateur* (computador) estava no vocabulário corrente. Para François Furet, a utilização dos computadores para coleta e tratamento dos dados representava uma revolução na história serial. E, ainda segundo ele, muito se devia ao “método Couturier” (FURET, 1971, p. 67). Em 1966, Couturier publicou na *Annales* um artigo em que ensinava a metodologia da *mecanografia eletrônica*. Passo a passo demonstrou como, portando um computador de “terceira geração”, era possível codificar dados e extrair séries com significativa economia de tempo (COUTURIER, 1966). Era, pois, para esse mundo

informatizado e prático para cálculos de navegação que Braudel guiava Westphalen e seu porto: “Diz o Braudel que com a assistência dêsse Couturier (só que êsse costureiro não é da marca Cardin e outros) eu não terei maiores dificuldades. A ver” (WESTPHALEN, Paris, 20 abr. 1970). Enquanto aguardava impaciente o contato de Couturier, Westphalen seguia no quarto de hotel debatendo-se com quadros e gráficos de navegação: “[...] é um serviço que não rende, faço refaço. Já gastei duas bics estas duas semanas” (WESTPHALEN, Paris, 20 abr. 1970).

Braudel também teria procurado inseri-la “entre os seus”. O evento: um almoço. A finalidade: sociabilizar-se, trocar ideias. Assim, ela comemorou seu aniversário com “M. Fourer, presidente atual do Centre de Recherches, M. Mauro, M. Romano, M. Berthe, M. Le Roy Ladurie, diretores de estudos. Todos interessados em História da América” (WESTPHALEN, Paris, 27 abr. 1970).

Mauro foi o historiador de maior presença nas cartas. Ex-aluno de Braudel e com formação em economia pelas universidades americanas de Columbia e Fordham (BRODER, 2002; VIDAL, 1998), Mauro era estudioso da Europa Atlântica e Portugal, Brasil e América Latina, com projetos sobre as relações econômicas na Bacia do Rio da Prata. A pesquisa que Westphalen vinha desenvolvendo sobre as relações comerciais no Porto de Paranaguá tornava-se um importante ponto de diálogo para suas pesquisas e assim, quando incumbido por Braudel de acompanhá-la respondeu positivamente e disse que estimava seus trabalhos (MAURO, Paris, 17 abr. 1970).

Em seu Seminário, Westphalen fez duas *exposés* e, a pedido de Braudel (MAURO, Paris, 17 abr. 1970), o francês escreveu uma resenha sobre o Porto de Paranaguá – tendo como base apenas os artigos de Westphalen, ou seja, os primeiros resultados – para ser publicada na *Annales* (MAURO, 1970), um dos espaços editoriais/historiográficos mais cobiçados do momento. Ambos, Seminário e resenha, foram considerados “[...] flaco[s], flaco[s]” (WESTPHALEN, Paris, 24 maio 1970).

No entremeio de suas *exposés* ao seminário de Mauro, Westphalen foi à Universidade de Colônia, deslocamento que entrelaça 1958-59 e 1970. As cartas narram a sua preparação para proferir uma conferência no Seminário de História do Instituto da América Latina sobre navios e mercadorias no Porto de Paranaguá (*Schiffe und Waren in Hafen von Paranaguá*). Por uma hora a historiadora falou para mais de 15 pessoas, “[...] houve muitas intervenções, todos porém mais interessados na erva-mate que no pôrto” (WESTPHALEN, Paris, 12 jun. 1970).

O responsável pelo Seminário era o professor Günter Kahle, seu colega no tempo de aluna de Richard Konetzke (WESTPHALEN, Paris, 12 jun. 1970). O convite partiu de Hermann Kellenbenz, sucessor de Konetzke. Considerando que convites são formas de seleção, nos quais, além dos critérios da competência científica está a marca das relações

afetivas e a necessidade da retribuição de gentilezas intelectuais, compreende-se que os favores acadêmicos de 1958-59 foram plenamente retribuídos com a publicação da conferência de Westphalen na *Kölner Vort. Soz. Wirtschaftsgesch.*, em 1971 (WESTPHALEN, 1999, p. 35).

As apreciações dos Seminários de Braudel e Ruggiero Romano diferem pouco daquelas feitas a Mauro. Avaliando a historiografia à *la Annales*, parecia-lhe que eles estavam “[...] com as mesmas chapas de 59 e 64” (WESTPHALEN, Paris, 14 jun. 1970) e, nesse sentido, “só o L. Henry” estaria “[...] pensando na pesquisa no duro” (WESTPHALEN, Paris, 27 abr. 1970). Embora não fosse propriamente novidade desde 1959, a *técnica de reconstituição de famílias* foi, para Westphalen, uma descoberta:

Fui a aula do L. Henry. Há somente três alunos, duas francesas que cada uma estuda uma paróquia, para reconstituição de famílias, e um americano que faz o mesmo para uma paróquia na Louisiana. O Seminário consiste em resolver para cada um, problemas encontrados e devidos registros nas fichas (WESTPHALEN, Paris, 7 abr. 1970).

No Seminário de Louis Henry sobre Demografia Histórica, “o setor número 1”, Westphalen ia para aprender, para ela e Balhana (especialista na área) o “genial método Fleury-Henry” (CHAUNU, 2011, p. 231).

Outro aprendizado foi o da *semiologia gráfica*, resultado de poucas lições com Jacques Bertin no *Laboratoire de Cartographie*.⁸ Desde então, Westphalen passou a fazer análises quantitativas do movimento do Porto de Paranaguá (fichário-imagem, leques de curvas), explorando o tratamento gráfico da informação. Este encontro, de importância capital pelos ganhos metodológicos, foi tardio em decorrência de divergências intelectuais:

[...] fiquei sabendo da rivalidade Couturier e pessoal da rue de Varenne, com o Bertin. Este é boicotado, como boicotam o Chaunu e assim por diante [...] Enfim, as querelas que a gente só começa a saber depois de uma ‘primavera’ junto, e que repercutem na vida de quem não tem nada com o peixe (WESTPHALEN, Paris, 24 jun. 1970).

Rivalidades de ordem política, ideológica ou epistemológica, parecem ser inerentes ao campo científico (BOURDIEU, 1983; 2011). Nem sempre é possível circular entre dois ou mais grupos, Westphalen, não fosse pela habilidade de Braudel, quem sabe, nesta circunstância, não transitasse pelo *Laboratoire*.

A narrativa de Westphalen indica que o próprio Romano teria perdido posições em razão de dissensões diretas com Braudel (WESTPHALEN, Paris, 7 abr. 1970). Talvez, justamente por essa relativa “saída de cena”, Romano tenha adquirido massa crítica para diagnosticar uma suposta “crise” na História, “[...] pois ‘qu’on triche en Histoire’, isto é, se faz tudo menos História” (WESTPHALEN, Paris, 1 jun. 1970). Segundo ele, Westphalen teria “condições de independência” para fazer “algo mais” e assim não repetir o seu “erro, o do Braudel e do Chaunu” que fizeram “apenas a história de navios [...]” (WESTPHALEN, Paris, 7 abr. 1970). De um lado, Romano instigava a liberdade criadora, de outro externava sua percepção quanto a uma perturbação no reinado dos *Annales* (Em seu Seminário ele “[...] meteu o pau na turma que está de cima nos Annales” (WESTPHALEN, Paris 24 maio 1970).⁹

Westphalen produzia história longe daquele centro, ela se dizia discípula de Braudel e assim era acolhida, mas os seus trabalhos não precisavam passar pelo crivo da crítica tal como os de Romano e Chaunu, por exemplo. Ela compreendeu o questionamento de Romano considerando que deveria ter “[...] um capítulo a mais do que eles tiveram, com o título simples ‘os homens’, sobre os proprietários, os mestres, os comerciantes, suas relações, etc. Acho que passa bem fazer isto” (WESTPHALEN, Paris, 7 abr. 1970). É difícil ponderar qual teria sido a intenção de Romano com aquela orientação, mas a resposta de Westphalen indica que a conversa colocou em evidência a importância do homem, dos sujeitos que comandam o comércio, ou seja, dos sujeitos que tomam a ação colocando em tensão o constrangimento das estruturas. Possivelmente, eco de reflexões que vinham sendo exteriorizadas em razão das novas provocações postas à história então dominante.

Delineia-se nas cartas um tempo de inquietude historiográfica, econômica e social de complexa definição: “[...] ainda não pude detectar o que está na crista, porque na verdade, só falam de capitalismo versus socialismo, nos cursos, seminários e bate-papos” (WESTPHALEN, Paris, 27 abr. 1970). Cecília Westphalen viveu a greve nos correios, nos transportes, no comércio, no ensino, viu pessoas despenteadas e usando maxi-saias (signos da liberdade a pouco reivindicada) e narrou o medo de um novo levante nos moldes de 1968 (WESTPHALEN, Paris, 7 abr. 1970). Nesta conjuntura de oscilações econômicas mundiais e disputas pelo preço do petróleo (no *Le Monde* os conflitos no Oriente Próximo anunciavam uma terceira guerra), os Trente Glorieuses (Trinta Gloriosos) davam seus primeiros sinais de abalo, a vida estava cara, da passagem de metrô ao menu turístico tudo parecia exorbitante para Westphalen.

Desta França “diluída”, uma certeza metodológica:

Estou decidida a não me permitir, nem a você, de trabalharmos com instrumental da Idade Média quando já estão os outros na lua. Isto vale para

a Demografia. Será uma loucura começarmos sem possibilidades concretas de computadores. E isto se deve saber desde o momento da elaboração das fichas. A gente chega com os mesmos resultados, porém, com suor e sangue, e com 10 anos de atraso (WESTPHALEN, Paris, 24 maio 1970).

Um exemplo desta combinação “uso do computador e demografia histórica” era os trabalhos de Emmanuel Le Roy Ladurie, “o delfim da vez”, segundo Westphalen (WESTPHALEN, Paris, 14 maio 1970).

No que tange ao foco de sua preocupação, Westphalen aludia aos planos futuros para a Pós-Graduação em História na UFPR, o curso de Mestrado estava em processo de discussão e direcionar-se-ia para duas áreas de concentração: História Econômica e História Demográfica.

Tendo em vista a concretização desse projeto, na mala de regresso ao Brasil, *Nouveau manuel de dépouillement et d'exploitation de l'état civil ancien* (1965) de Michel Fleury e Louis Henry, *Escritos sobre a História* (1969) de Braudel, duas publicações de Couturier (WESTPHALEN, Paris, 14 jun. 1970) e o compartilhamento da convicção de Ladurie: “[...] o historiador do futuro será programador ou não será” (LADURIE, 2011, p. 210), expressa em 1968.

Considerações finais

A análise dos dois acervos pessoais e seus respectivos conjuntos de cartas pretendeu explorar – baseado no ponto de vista de Cecília Westphalen – o significado de dois tempos de um percurso marcado por diferentes experiências historiográficas.

Acompanhar as cartas enviadas à Altiva Pilatti Balhana e Fernand Braudel possibilitou surpreender o momento de um *tournant historiographique* no percurso intelectual de Westphalen, das ações políticas de Carlos V aos quadros e curvas de navegação do Porto de Paranaguá. Estes dois tempos denunciam a sinuosidade da vida, os caminhos turvos e complexos de uma formação intelectual (DOSSE, 2009). Compreende-se, assim, como as escolhas circunscritas nestes dois tempos influenciaram no modo como Westphalen interpreta a História e escreve sobre o passado.

Se a leitura sobre a *longué durée* significou uma transformação em sua maneira de compreender a História como ciência social, os trabalhos dos pesquisadores do círculo braudeliano – Pierre Chaunu, Ruggiero Romano e Frédéric Mauro, principalmente – inspiraram o direcionamento temático e metodológico para a composição do projeto sobre as relações comerciais no Porto de Paranaguá.

Em 1970, apesar da quase inutilidade dos Seminários realizados, narrados com pitadas de prepotência, o descobrimento da *semiologia gráfica*, da *técnica de reconstituição*

de famílias e da *mecanografia eletrônica*, representou ganhos metodológicos para o estudo do porto e a orientação para elaboração de novos planos de investigação no interior do Departamento de História da UFPR.

Quando Westphalen relatou a Balhana que não retornaria de Paris com expressivas novidades, foi porque, ao comparar as experiências 1958-59 e 1970, constatou que os ares historiográficos eram os mesmos, ou seja, a concepção de tempo braudeliana permanecia como elemento estruturante das temáticas de pesquisas, a metodologia científica era a quantitativa e a esfera privilegiada era a econômica e social. Sua leitura do período confirmaria a força pessoal de Braudel no encaminhamento da historiografia francesa que se desenvolvia a partir da EPHE e da revista *Annales*, embora não se tratasse de uma voz historiográfica homogênea e unânime era a que com mais força ecoava internacionalmente (DOSSE, 1994). Em outra perspectiva, se tomarmos sua percepção da permanência de uma forma de fazer a história como *contra-prova* (ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 10),¹⁰ colocaríamos em questão a renovação dos domínios (novas abordagens) da história econômica e demográfica preconizada por Jacques Le Goff e Pierre Nora na Apresentação de *Faire de l'histoire* em 1974.¹¹

O que para Westphalen se apresentou como indiscutível novidade foi o uso do computador, diante de um pesado trabalho com listas de embarcações, índices de preços, balanços comerciais, relatórios de produção, distribuição, importação, exportação, etc. o computador surgia como uma ferramenta revolucionária. De outro lado, também, a precisão que se esperava da máquina denunciava seu fascínio pela objetividade histórica.

Na avaliação de Le Goff, tentando minimizar o “exagero” de Ladurie (o próprio Braudel já lhe havia questionado em *Escritos sobre a História*), o elemento revolucionário não era a máquina em si, mas a “[...] extensão da história quantitativa a tudo aquilo que podia ser quantificado” (LE GOFF, 2011, p. 161).

Esta história feita em laboratório, a história quantitativa, insinuava-se como revolucionária pela possibilidade de constituição de dados tidos como sólidos. O historiador, por meio da eleição de documentos de base – as fontes – deveria constituir dados maciços, estes, e não os fatos, seriam o seu material de trabalho, da análise das cifras surgiria a sua interpretação histórica (LE GOFF, 2011, p. 162; LADURIE, 2011; FURET, 1971).

Se no pós Maio de 1968, em solo parisiense, a história econômica e social na perspectiva de uma compreensão estruturante da ação humana já era alvo de algumas reticências dentro dos *Annales*, elas não representavam uma autocrítica, mas o prenúncio de um redimensionamento, dilatação e esmigalhamento da história (LE GOFF; NORA, 2011; DOSSE, 1994).¹²

No Brasil, país em desenvolvimento econômico, a vertente quantitativa foi bem recebida pelo público, trazia em seu discurso a possibilidade de produção de um

conhecimento “científico”, isento de “ideologias” (ou seja, pertinente para governos militares) e também oferecia “[...] a muitos historiadores uma espécie de ‘terceira via’, entre a história factual, e a história marxista” (FALCON, 2011, p. 25). Elemento estruturante de currículos de cursos de graduação, seu vigor pode ser observado na realização do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Reunidos em Campinas, em 1969, Cecília Westphalen e demais membros da diretoria da ANPUH organizaram um evento cuja temática central foi “Portos, Rotas e Comércio”.

Westphalen, por meio do Departamento de História da UFPR e dos encontros da ANPUH, desenvolveria projetos alicerçados nas práticas que aprendera entre 1958-59 e 1970, práticas pautadas na crença na tecnologia, no controle da subjetividade e no pleno domínio do homem sobre a natureza.

Estas cartas, tomadas como objetos do mundo acadêmico, ainda nos permitiram situar Cecília Westphalen em um determinado microcosmo historiográfico e observar como a habilidade na constituição de redes de sociabilidades – em Madri, Colônia e Paris – facilitou seu acesso a determinados locais do saber, e por extensão do poder, historiográfico. Redes de contatos que se sustentavam sobre diálogos historiográficos, apoios para publicação e divulgação de obras, tutelas de estudantes, enfim, relações regidas por trocas intelectuais, institucionais, políticas. Na intimidade da correspondência, ela explicitou: aprender é importante, mas construir redes de contatos, abrindo portas para trocas futuras, também.

Recebido em 30/3/2015

Aprovado em 12/5/2015

NOTAS

¹ A paranaense Cecília Westphalen, foi catedrática de História Moderna e Contemporânea na UFPR desde 1957, na instituição lecionou também Introdução à História e disciplinas de metodologia da história, e exerceu inúmeros cargos, chegando a ser diretora do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes e indicada à Reitoria. Esteve entre os fundadores da ANPUH (1961) e nas comissões avaliativas dos primeiros programas de Pós-Graduação em História do país a partir da década de 1970. Colocando-se ao lado do poder político durante o regime militar brasileiro, foi Assessora de Gabinete do Ministro da Educação e Cultura e membro do Conselho Federal de Cultura. Após rompimento com a ANPUH (1977), fundou, ao lado de Maria Beatriz Nizza da Silva (USP), a Sociedade Brasileira de Pesquisa História (SBPH), que findou em 2005, um ano após o seu falecimento.

² Cecília Westphalen integra a história deste “lugar de memória” (NORA, 1993). Ela desenvolveu projetos que fomentavam intercâmbios entre arquivos e universidades, lutou por verbas para construção das atuais instalações do Arquivo e foi uma das fundadoras da “Associação dos Amigos do Arquivo Público do Paraná”. Hoje, o Arquivo cristaliza a sua imagem em uma sala nomeada com seu nome.

³ O acesso à correspondência de Fernand Braudel no Institut de France só foi possível com a aprovação de Maurice Aymard, a quem agradecemos o gesto compreensível e os incentivos que advieram após os primeiros contatos.

⁴ Balhana, pesquisadora da imigração italiana no Paraná, fez os seguintes cursos: Storia Moderna II, Storia e Legislazione Coloniale, Sociologia, Geografia Economica e Política, Geografia d'Italia e Etnografia na Facoltà de Scienze Politiche e Sociali dell'Università degli Studi di Firenze, entre 1953 e 1954; Problemi migratori nel mondo no Istituto Agronomico per l'Oltremare – Ministero degli Affari Esteri, entre 1953 e 1954; e Civilization Française na Université de Paris, em 1954. Cf. BALHANA, 1999, p. 7.

⁵ As cartas também podem portar elementos que evidenciam certa “construção de si” para o outro. Segundo Teresa Malatian, “[...] o domínio da imagem de si é fundamental e a prática epistolar exige, antes de tudo, a credibilidade daquele que recebe a correspondência” (MALATIAN, 2012, p. 201).

⁶ A escola histórica americana e francesa, embora com perspectivas diferentes, com suas revistas e instituições especializadas (Harvard e o *Journal of Economic History*; Instituto de História Econômica e Social-Sorbonne e os *Annales*) eram os centros de excelência da história econômica (MARGAIRAZ, 2010).

⁷ Konetzke ocupou a primeira cadeira alemã de História Ibérica e Latino-americana, criada na Universidade de Colônia, em 1961 (RODRIGUES, 1976, p. 206).

⁸ Segundo Jayme Cardoso, ex-aluno de Westphalen e Bertin, este teria sido “[...] o primeiro a lançar as bases de uma estrutura da linguagem gráfica, oferecendo teoria e instrumentos que revolucionaram a construção de gráficos e o tratamento gráfico de dados, a partir da linguagem visual” (CARDOSO, [19--]; BONIN, nov. 2000).

⁹ Se a solução para a suposta “crise” foi a virada para a Nova Escola, na avaliação de Romano, isso representou traição ao legado dos *Annales*: “Los que hacen la Nouvelle Histoire son un grupo de recién llegados, con algunas excepciones y una la hago inmediatamente: Jacques Le Goff. Se esconden detrás del prestigio de los ‘Annales’, para hacer otra cosa y ocultar su miseria intelectual. Son herederos indignos, no solamente por no seguir haciendo historia económica sino por haber creado una camarilla encerrada en sí misma; antes no había camarilla, la prueba es el lugar que antes tenían los extranjeros y que ahora ya no existe. En la revista anterior se veía el respeto por otras historiografías. En los últimos años de su vida Braudel había tomado distancia de toda esta gente, hay entrevistas públicas donde lo dice abiertamente... Pero la traición más grande es la traición a la historia global, ‘la petit histoire a peur de la grand histoire’ como decía Lucien Febvre” (ROMANO, 1988, p. 3).

¹⁰ Tomar as narrativas de si como contra-prova (*contre-preuve*) significa buscar na reflexibilidade do indivíduo leituras particulares de eventos, flexibilização de interpretações, modos de se conduzir e agir que complexificam enunciados. Cf. ARTIÈRES; LAÉ, 2011, p. 10.

¹¹ “A história econômica se trama em torno de noções como a de crise, que permitem reencontrar, através da conjuntura, o arranjo e o mecanismo de um conjunto. Ou então ela é ultrapassada pela integração da história econômica serial a uma globalidade em que inferem o político, o psicológico, o cultural. Do mesmo modo, a história demográfica complica seus modelos recolocando-os em conjunto de mentalidades e de sistemas culturais” (LE GOFF; NORA, 2011, p. 126).

¹² É conveniente lembrar que, em 1969, Fernand Braudel passava o bastão a André Burguière, Marc Ferro, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e Jacques Revel, articuladores da Nova História.

FONTES

BALHANA, Altiva Pilatti. *Curriculum Vitae*. Curitiba, 1999. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

BRAUDEL, Fernand. Carta enviada à Cecília Westphalen. Paris, 13 mar. 1958. Coleção Fernand Braudel. Institut de France.

_____. Carta enviada à Cecília Westphalen. Paris, 26 jan. 1959. Coleção Fernand Braudel. Institut de France.

_____. Carta enviada à Cecília Westphalen. Paris, 28 mar. 1955. Coleção Fernand Braudel. Institut de France.

MAURO, Frédéric. Carta a Fernand Braudel. Paris, 17 abr. 1970. Coleção Fernand Braudel. Institut de France.

WESTPHALEN, Cecília Maria. *Carlos-Quinto, 1500/1558: seu Império universal*. 1955. 308 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1955.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Curitiba, 18 mai. 1954. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Madri, 3 out. 1958. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Madri, 15 out. 1958. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Colônia, 3 nov. 1958. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Colônia, 6 nov. 1958. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Colônia, 10 nov. 1958. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Colônia, 13 nov. 1958. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Colônia, 29 nov. 1958. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Colônia, 18 jan. 1959. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Colônia, 28 jan. 1959. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 7 abr. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 11 abr. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 20 abr. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 27 abr. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 14 mai. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 24 mai. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 1 jun. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 12 jun. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 14 jun. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Altiva Pilatti Balhana. Paris, 24 jun. 1970. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Carta a Fernand Braudel. Colônia, 11 nov. 1958. Coleção Fernand Braudel. Institut de France.

_____. Carta a Fernand Braudel. Paris, 8 abr. 1959. Coleção Fernand Braudel. Institut de France.

_____. Carta a Fernand Braudel. Curitiba, 1 out. 1962. Coleção Fernand Braudel. Institut de France.

_____. Carta a Fernand Braudel. Curitiba, 11 dez. 1969. Coleção Fernand Braudel. Institut de France.

_____. Curriculum Vitae. Curitiba, 1999. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

_____. Introdução ao estudo da história e as técnicas auxiliares do historiador. In: I ENCONTRO BRASILEIRO SOBRE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HISTÓRIA, 1., 1968, Nova Friburgo, RJ. *Anais...* Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1970, p. 1-8. Coleção Cecília Westphalen. Arquivo Público do Paraná.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ARTIÈRES, Philippe; LAÉ, Jean-François. *Archives personnelles*. Histoire, anthropologie et sociologie. Paris: Armand Colin, 2011. Collection U Histoire.

BERTIN, Jacques. *A Neográfica*. Traduzido Jayme Antonio Cardoso. [S.l.]. Disponível em: <www.floresta.ufpr.br/pos-graduacao/seminarios/neografica2> Acesso em: 14 abr. 2014.

BONIN, Serge. Le développement de la graphique de 1967 à 1997 (Dossiers, 1997 Colloque “30 ans de sémiologie graphique”). *Cybergeo: European Journal of Geography*, nov. 2000. Disponível em: <<http://cybergeo.revues.org/490>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

BOURDIEU, Pierre. Campo científico. In: ORTIZ, Renato. (Org.). *Bourdieu – Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1983. 39 v. p. 122-155.

_____. *Homo academicus*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. História e Ciências Sociais. A longa duração. *Revista de História*, São Paulo, USP, v. 30, ano 16, n. 62, p. 261-294, abr./jul. 1965.

BRODER, Albert. La trayectoria de Frédéric Mauro. *História econômica & história de empresas*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 165-169, 2002.

CHAUNU, Pierre. A economia: ultrapassagem e prospectiva. In: NOVAIS, Fernando. A.; SILVA, Rogerio Forastieri da. (Orgs). *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 211-235. 1 v.

CLARK, Stuart. Os historiadores dos *Annales*. In: NOVAIS, Fernando. A.; SILVA, Rogerio Forastieri da. (Orgs). *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 180-205. 1 v.

COUTURIER, Marcel. Vers une nouvelle méthodologie mécanographique. La préparation des données. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, v. 21, n. 4, p. 769-778, jul./ago. 1966. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/ahess_0395-2649_1966_num_21_4>. Acesso em: 7 jul. 2014.

DAIX, Pierre. *Fernand Braudel: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DAUPHIN, Cécile. Pour une histoire de la correspondance familiale. *Romantisme*, [S.l.], v. 25, n. 90, p. 89-99, 1995. Disponível em <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman_0048-8593_1995_num_25_90_3055>. Acesso em: 9 ago. 2013.

DELACROIX, Christian. Histoire sociale. In: _____; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas. (Orgs.). *Historiographies: concepts et débats I*. Paris: Gallimard (Folio histoire), 2010. p. 420-435, 1 v.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. A história social 'a francesa' em seu apogeu: Labrousse/Braudel. In: _____. *As correntes históricas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 197-259.

DOSSE, François. *A história em migalhas*. Dos Annales à Nova História. Campinas: Unicamp, 1994.

_____. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FALCON, Francisco José Calazans. A historiografia fluminense a partir dos anos 1950/1960: algumas direções e pesquisas. In: GLEZER, Raquel. (Org.). *Do passado para o futuro: edição comemorativa dos 50 anos da Anpuh*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 13-68.

FURET, François. Histoire quantitative et construction du fait historique. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, v. 26, n. 1, p. 63-75, jan./fev. 1971. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_0395-2649_1971_num_26_1_422459>. Acesso em: 7 jul. 2014.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.

KAHLE, Günter. Richard Konetzke (1897-1980). *Jahrbuch für Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas*, n. 18, 1981. Disponível em: <<http://introduccionalahistoriajvg.wordpress.com/2012/07/06/%E2%90%A5-richard-konetzke-1897-1980/>>. Acesso em: 5 ago. 2013.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. O historiador e o computador. In: NOVAIS, Fernando. A.; SILVA, Rogerio Forastieri da. (Orgs). *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 206-210. 1 v.

LE GOFF, Jacques. A história nova. In: NOVAIS, Fernando. A.; SILVA, Rogerio Forastieri da. (Orgs). *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 128-176. 1 v.

_____; NORA, Pierre. Apresentação a *Faire de l'histoire*. In: NOVAIS, Fernando. A.; SILVA, Rogerio Forastieri da. (Orgs). *Nova história em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 122-127. 1 v.

LOPES, Marcos Antônio. (Org.). *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 195-221.

MARGAIRAZ, Michel. Histoire économique. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas. (Orgs.). *Historiographies: concepts et débats I*. Paris: Gallimard (Folio histoire), 2010. p. 295-306. 1 v.

MARTINS, Estevão de Resende. Historiografia alemã do século XX: encontros e desencontros. In: MALERBA, Jurandir; ROJAS, Carlos Aguirre. (Org.). *Historiografia Contemporânea em Perspectiva Crítica*. Bauru: Edusc, 2007, p. 45-67.

MAURO, Frédéric. Cecilia Maria Westphalen, avios e mercadorias no porto de Paranaguá nos meados do século XIX. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, v. 25, n. 3, p. 808-809, mai./jun. 1970.

NOIRIEL, Gérard. Naissance du métier d'historien. *Genèses*, [S.l.], v.1, n.1, p. 58-85, set. 1990. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/issue/genes_1155-3219_1990_num_1_1>. Acesso em: 7 jul. 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 07-28, dez. 1993.

OFFENSTADT, Nicolas. Colloques. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick; OFFENSTADT, Nicolas. (Orgs.). *Historiographies: concepts et débats I*. Paris: Gallimard (Folio histoire), 2010. p. 86-91. 1 v.

ROBERT, Ricard. Cecilia María Westphalen, Carlos-Quinto 1500-1558, seu Império universal. *Bulletin Hispanique*, [S.l.], v. 60, n. 4, p. 564-565, out./dez. 1958.

RODRIGUES, José Honório. Os Estudos Brasileiros e os “brazilianists”. *Revista de História*, São Paulo, USP, v. 54, n. 107, p. 189-219, jul./set. 1976.

ROMANO, Ruggiero. Entrevista a Diana Quattrocchi de Woisson. *Todo es historia*, [S.l.], n. 251, p. 1-5, mai. 1988. Disponível em: <<http://www.elhistoriador.com.ar/entrevistas/r/romano.php>>. Acesso em: 3 jul. 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003. p. 231-269.

VENÂNCIO, Giselle Martins. Presentes de papel: cultura escrita e sociabilidade na correspondência de Oliveira Vianna. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 23-47, 2001.

VIDAL, Laurent. L'itinéraire d'un historien de l'Amérique Latine. Entretien avec Frédéric Mauro. *Cahiers des Amériques latines*, Paris, n. 28-29, p.101-108, 1998. Disponível em: <http://www.iheal.univ-paris3.fr/sites/www.iheal.univ-paris3.fr/files/Cal_028.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2015.